

IA e Educação: IA Generativa e o Futuro do Pensamento Crítico

(0:00) A Inteligência Artificial está a mudar tudo, incluindo a forma como aprendemos. Sou professor convidado,

(0:05) e a primeira vez que vi o que um chatbot baseado em IA generativa conseguia fazer, percebi imediatamente que

(0:11) não fazia sentido continuar a pedir aos meus alunos que escrevessem ensaios, porque eu estaria apenas a avaliar

(0:17) resultados produzidos por chatbots — e não preciso desse treino. A maioria dos educadores assumiu a posição de que

(0:21) a IA deveria ser totalmente proibida nos trabalhos dos alunos, porque faria todo o trabalho por eles

(0:27) e os estudantes não aprenderiam nada.

Muitos também tentaram usar IA para detetar IA,

(0:33) mas é inevitável que os chatbots continuem a melhorar até ao ponto em que não haverá

(0:37) mais nada para detetar. Penso que precisamos de fazer exatamente o oposto: perceber como

(0:43) integrar esta tecnologia e usá-la para elevar a educação. Espero que outros comecem

(0:48) também a pensar desta forma.

Vejamos: o comboio já saiu da estação. Podemos entrar a bordo ou ser atropelados por ele,

(0:54) mas ficar à frente a gritar “para” não vai funcionar. Por isso, neste vídeo vou

(0:59) abordar os prós e os contras da IA na sala de aula, com o objetivo de elevar a aprendizagem

(1:05) a um novo patamar.

Vamos olhar historicamente para o passado. Algumas das competências que antes considerávamos

(1:10) realmente importantes e que ensinávamos a todos os alunos, em contraste com o que fazemos

(1:14) hoje, porque houve mudanças significativas. Por exemplo, houve um tempo em que ensinávamos

(1:20) todas as crianças a escrever em letra cursiva.

Hoje, se estiveres acima ou abaixo de uma certa idade, talvez nem consigas

(1:26) ler o que acabei de escrever, porque nunca aprendeste isso. E a minha caligrafia

(1:32) também não é grande coisa, mas isso remete para outra disciplina comum na geração

(1:37) dos meus avós: a caligrafia. Era uma disciplina formal e considerada de extrema

(1:43) importância.

Hoje já não nos preocupamos tanto com isso. Algumas pessoas ainda valorizam a

cursiva,

(1:49) mas a verdade é que não a ensinamos, porque deixou de ser tão crítica.

(1:53) Actualmente, a maior parte da escrita não é feita à mão.

É feita em computadores. Portanto,

(1:59) quão boa é a tua caligrafia já não importa assim tanto, pois não?

No passado também valorizávamos muito a capacidade de memorizar.

(2:05) Eu ainda sofro de “stress pós-traumático” por ter tido de memorizar

(2:10) a tabela periódica dos elementos: os 106 que existiam na altura,

(2:16) saber onde estavam colocados, como se escreviam, os seus números atômicos,

(2:22) e por aí fora.

Mas porquê gastar tanto tempo de um recurso escasso — o tempo de ensino —

(2:29) a memorizar coisas que hoje podem ser facilmente consultadas numa base de dados?

(2:35) Compreender os princípios é importante: perceber a lógica da tabela periódica

(2:41) diz-nos algo relevante. Isso é interessante e importante.

Já memorizar números exatos quando estes podem ser facilmente consultados,

(2:50) talvez não seja assim tão essencial. Outro exemplo: exercícios extensos de

(2:56) aritmética complexa. Passávamos imenso tempo a treinar, repetir e repetir,

(3:02) quando hoje usamos simplesmente uma calculadora.

Depois de aprender os fundamentos, não há grande valor em continuar a repetir

(3:15) mecanicamente, se em praticamente todos os contextos vamos usar uma calculadora.

(3:21) Não estou a dizer que não se devam aprender os fundamentos, mas uma vez demonstrada

(3:25) a competência, hoje — especialmente no ensino superior — espera-se que os alunos

(3:32) usem calculadoras.

O mesmo acontece com a leitura de mapas. Continua a ser útil,

(3:39) mas é muito menos importante do que saber usar um GPS, que é como hoje nos deslocamos.

(3:46) Claro que se pode argumentar que o GPS pode falhar, mas a questão é:

(3:57) temos tempo limitado para educar os alunos. Em que devemos investir esse tempo?

Como professores responsáveis, temos de pensar:

(4:09) para que futuro estamos a preparar os nossos alunos?

(4:16) Estas competências projetam-se bem no mercado de trabalho e na vida quotidiana futura?

(4:23) Ou, se formarmos alunos sem estas ferramentas, quão preparados estarão?

(4:36) Provavelmente, não muito.

Se estivéssemos a contratar alguém,

(4:42) preferíamos um trabalhador excelente em métodos ultrapassados ou competente

(4:48) nas ferramentas do presente e do futuro?

(4:54) Essas ferramentas incluem, claramente, a IA.

A questão é: queremos continuar a treinar os alunos para fazerem as coisas

(5:07) como no passado, ou prepará-los para usar as ferramentas atuais e futuras?

À medida que entramos na era da IA, que competências serão essenciais?

(5:31) Dou algumas ideias gerais. Uma delas é a flexibilidade —

(5:42) uma mentalidade de adaptação. Não podemos ficar presos a modelos antigos.

A IA cria novas possibilidades e exige criatividade.

(5:55) Mas tudo isso tem de ser regulado por pensamento crítico.

(6:07) A IA pode dizer coisas erradas ou inúteis, e teremos de ser nós a avaliar.

Pensamento crítico é a competência central.

(6:35) É isso que precisamos de desenvolver nos alunos de hoje para o mundo de amanhã.

Em termos de ensino, a IA oferece vantagens claras:

(6:54) aprendizagem “just-in-time”, tutoria personalizada, apoio como editor de textos,

(8:12) melhoria da acessibilidade para alunos com necessidades específicas,

(9:09) apoio ao professor em tarefas rotineiras, libertando tempo para o ensino de qualidade,

(9:32) apoio à investigação, ao debate e à prática argumentativa.

Pode também promover maior equidade no acesso à educação,

(10:41) uma vez que basta uma ligação à Internet para aceder a recursos avançados,

(11:09) mesmo em contextos desfavorecidos.

Tudo isto exige literacia em IA:

(12:11) compreender o que a IA pode e não pode fazer,

(12:17) conhecer os seus limites e possibilidades,

(12:25) e desenvolver uma forte consciência ética.

(12:42) Só porque algo é possível, não significa que deva ser feito.

Na prática, isso implica menos foco na memorização mecânica

(13:53) e mais na compreensão de princípios, no debate,

(13:22) na comunicação e no raciocínio de nível elevado.

A IA não é uma moda passageira.

(15:05) Nenhum empregador dirá: “faz isto, mas não uses IA”.

(15:18) Os empregos do futuro exigirão o uso das melhores ferramentas.

Se queremos que os alunos usem IA no trabalho,

(15:30) devem aprender a usá-la na escola. Caso contrário,

(15:35) estaremos a prepará-los para o passado, não para o futuro.